



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANTONIA EDIMILA DUARTE DE MORAIS

**PEDAGOGIA DA MATERNAGEM: NARRATIVAS DAS MÃES DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UFC NO PERÍODO DA GESTAÇÃO E PUERPÉRIO.**

FORTALEZA

2023

ANTONIA EDIMILA DUARTE DE MORAIS

**PEDAGOGIA DA MATERNAGEM: NARRATIVAS DAS MÃES
UNIVERSITÁRIAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC, NO PERÍODO DE
GESTAÇÃO E PUERPÉRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, Campus Benfica, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M825p Morais, Antonia Edimila Duarte de.

Pedagogia da maternagem: narrativas das mães do curso de pedagogia da UFC no período da gestação e puerpério/Antonia Edimila Duarte de Morais. - 2023
48f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

1. Maternagem. 2. Mães universitárias. 3. Desafios. 4. Estratégias. 5. Graduação em pedagogia. I. Título.

CDD 370

ANTONIA EDIMILA DUARTE DE MORAIS

PEDAGOGIA DA MATERNAGEM: NARRATIVAS DAS MÃES UNIVERSITÁRIAS DO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UFC, NO PERÍODO DE GESTAÇÃO E PUERPÉRIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, ofertado pela Faculdade de
Educação da Universidade Federal do
Ceará - UFC, Campus Benfica, como
requisito obrigatório à obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo
Vasconcelos.

Aprovada em 07 / 06 / 2023

BANCA EXAMINADORA

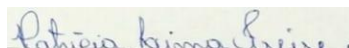


Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dra. Camilla Rocha da Silva

Universidade Federal do Ceará



Prof. Ma. Patricia Lima Freire

Universidade Federal do Ceará

Dedico esse trabalho a todos que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse concluir a minha graduação, em especial meus familiares, professores e amigos que tornaram mais leve esta trajetória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Nossa Senhora, anjos, santos, guias e mentores espirituais por todas as bênçãos concedidas a mim durante esta jornada, pois minha fé foi essencial para chegar até o fim.

À minha família, em especial meu esposo Tarcísio Sousa, por ter sido apoio em todos os momentos desde que decidi retomar os estudos.

À minha mãe Maria do Socorro por cuidar do meu bebê para que eu pudesse estudar.

À Deborah Duarte, que me incentivou a começar uma graduação.

Aos meus compadres Erica e Jonas, por todo apoio nos bons e nos maus momentos.

Aos meus filhos: Luís, meu guerreiro vitorioso, que é meu colo, meu carinho, meu auxílio. E Pedro, minha rocha, minha força, inspiração para minha pesquisa.

Aos meus professores, pelo conhecimento que pude ter acesso através deles neste período de formação. Em especial aqueles que foram força e inspiração para mim.

Aos amigos verdadeiros que fiz durante a graduação, ingressantes de 2020.1, em especial João Victor, Kalyane Oliveira e Nívea Santos. Obrigada por tudo e por tanto do que fazem por mim.

Ao PET Pedagogia, pela oportunidade de vivenciar momentos lindos, adquirir aprendizagem como pesquisadora, pela sala que foi meu lar durante alguns semestres, pelos amigos que conheci durante o projeto e pelo nosso tutor Gerardo que nos é como um pai.

Às mães universitárias que, assim como eu, travam diversas batalhas para concluir a graduação, visando dar um futuro melhor aos seus filhos. Agradeço especialmente as que contribuíram com esta pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gerardo Vasconcelos, que teve paciência, compromisso e profissionalismo ao orientar esta pesquisa, me dando todo suporte para a conclusão deste trabalho.

À banca avaliadora desta monografia, que se puseram à disposição para avaliá-la com ética e amor, contribuindo assim com a presente pesquisa.

E, por fim, a toda equipe da Universidade Federal do Ceará, em especial da Faculdade de Educação (FACED), por todo apoio material e emocional que me foi fornecido durante o percurso.

“A mão que balança o berço é a mão que governa o mundo” (William Ross Wallace, 1865).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar os principais desafios e estratégias utilizadas pelas discentes para conciliar a vida acadêmica com o ato de maternar. Os objetivos específicos da pesquisa proposta foram compreender as dificuldades encontradas pelas acadêmicas no período gestacional e puerperal; analisar o âmbito histórico-social em que estão inseridas e as estratégias utilizadas; e refletir sobre possíveis soluções para tal questão. Para embasar este trabalho, o referencial teórico escolhido traz reflexões sobre a divisão social do trabalho pautada em questões de gênero, e a importância do feminismo para a desestigmatização da função da mulher; Trazemos também o questionamento sobre a possibilidade ou não da escolha entre carreira e maternidade, ou a tentativa de conciliação de ambas; E por fim, a normalização do sofrimento materno perante a sociedade que as idealiza como seres perfeitos, as culpabilizando quando não atingem tal projeção. A metodologia adotada para a pesquisa foi a abordagem qualitativa, a partir de questionários com nove mães acadêmicas, a fim de coletar informações acerca de sua gestação e puerpério no tocante ao período acadêmico. Além das entrevistadas, há também o relato pessoal da autora da pesquisa, buscando enriquecer ainda mais as narrativas vivenciadas. A pesquisa teve como foco, alunas da graduação em pedagogia que estão vivenciando ou que tiveram a experiência da gravidez ou do período pós-parto. Após analisados os dados, apontamos como principais resultados: dificuldades socioeconômicas; dificuldades físicas e emocionais e a insuficiência de políticas educacionais e aparatos para garantir a permanência das alunas. No tocante às estratégias e principais contribuições durante o processo de formação das mesmas, foi verificado a importância da presença de uma rede de apoio; Existência de apoio institucional e docente e busca de uma motivação para persistir. Segundo as entrevistadas, há diversas batalhas a serem enfrentadas quando se decide continuar uma graduação depois de uma gestação e/ ou puerpério. Muito se pensa em desistir, porém, com as estratégias utilizadas elas vão seguindo o percurso de sua graduação, buscando em seus filhos o real motivo para não desistir.

Palavras-chave: Maternagem; Mães universitárias; Desafios; Estratégias; Graduação em Pedagogia.

ABSTRACT

The present work has the general objective of investigating the main challenges and strategies used by the students to reconcile academic life with the act of mothering. The specific objectives of the proposed research were to understand the difficulties encountered by academics in the gestational and puerperal period; analyze the historical-social scope in which they are inserted and the strategies used; and reflect on possible solutions to this issue. To base this work, the chosen theoretical framework, reflections on the social division of labor from gender issues, and the importance of feminism to destigmatize the role of women; we question the possibility or not of choosing between career and motherhood, or the attempt to reconcile both; And, finally, the normalization of maternal suffering before the society that idealizes them as perfect beings, blaming them when they do not reach such projection. The methodology adopted for the research was a qualitative approach, based on semi-structured interviews with nine academic mothers, in order to collect information about their pregnancy and puerperium with regard to the academic period. In addition to the interviewees, there is also the personal report of the author of the research, seeking to further enrich the narratives experienced. The research focused on undergraduate students in pedagogy who experience or have already experienced pregnancy or the puerperium. After analyzing the data, we point out the following main results: socioeconomic difficulties; physical and emotional difficulties and the inadequacy of policies and educational devices to guarantee the permanence of students. Regarding the strategies and main contributions during their training process, the importance of the presence of a support network was verified; Existence of institutional and pedagogical support and search for motivation to persist. According to the interviewees, there are several battles to be faced when deciding to continue graduation after pregnancy and/or puerperium. A lot is thought about giving up, however, with the strategies used, they follow the course of their graduation, looking in their children for the real reason for not giving up.

Keywords: Maternity; college mothers; Challenges; Strategies; Degree in Pedagogy.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos sujeitos da pesquisa	16
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FACED	Faculdade de Educação
PRAE	Pró-Reitoria de assuntos estudantis
RU	Restaurante Universitário
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA.....	15
2.1 A abordagem utilizada.....	15
2.2 Contexto e <i>lócus</i> da pesquisa.....	15
2.3 Perfil das participantes da pesquisa.....	16
2.4 O instrumental utilizado na coleta de dados.....	17
2.5 Organização e Análise dos dados obtidos.....	18
3 MATERNIDADE: O QUE A SOCIEDADE ESPERA DE NÓS?	19
3.1 O papel social da mulher: marcas de uma sociedade patriarcal.....	19
3.2 Maternar: dom natural ou escolha?.....	21
3.3 “Padecer no paraíso”: a normalização do sofrimento materno.....	22
3.4 Ser mulher e mãe: um caminho mais longo rumo à graduação.....	24
4 MATERNIDADE VERSUS GRADUAÇÃO: AS ETAPAS TRANSCORRENTES DESTE PROCESSO.....	26
4.1 As principais dificuldades relatadas.....	26
4.1.1 Dificuldades socioeconômicas: mães universitárias em vulnerabilidade social vivem a graduação de forma mais difícil.....	26
4.1.2 Dificuldades emocionais e físicas: dar conta de tudo é adoeecedor.....	27
4.1.3 "A Universidade não está pronta para nós": Insuficiência de políticas educacionais e aparatos que garantam a permanência das mães estudantes.....	29
4.2. Estratégias de superação de dificuldades e contribuições nesse processo.....	31
4.2.1 Rede de apoio.....	32
4.2.2 Apoio docente e institucional.....	34
4.2.3 Filhos, nosso combustível para não desistir.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	44
APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UTILIZADO.....	45

INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu em meio à minha própria experiência, ao engravidar em meio à graduação, enfrentando os desafios de cursar disciplinas no período gestacional e puerperal, inclusive vivenciando a graduação com um dos filhos, ainda bebê. De acordo com as necessidades que foram surgindo, percebeu-se o quão importante para a comunidade acadêmica seria um estudo sobre a maternidade, visto que, já exercia o papel de mãe, e já conhecia alguns obstáculos. Todavia, o fato de passar por uma segunda gestação, trouxe problemas maiores e antes desconhecidos no decorrer do curso, inclusive, no tocante à saúde mental, fragilizada pela brusca mudança de condição.

No período do retorno presencial pós-pandêmico, observei que houve um aumento de mães universitárias no curso de pedagogia, e a partir disso podemos visualizar as dificuldades encontradas pelas mesmas no percurso de matinar e estudar. Nisso, encontrou-se a latente necessidade de pesquisar mais sobre o tema, em seu aspecto histórico social, e a partir dos relatos de experiências de mães universitárias, sendo elas discentes no período da graduação.

A Maternidade é um tema complexo, amplo e diverso e abre margem para que muitas mulheres o sintam, vivam ou pensem de maneiras diferentes. Muitas trazem consigo, desde a mais tenra idade, a ânsia de ser mãe, seja ao se inspirar no exemplo das matriarcas de suas respectivas famílias ou até no simples embalar de suas bonecas. Outras não sentem o desejo de matinar, optando por focar em uma carreira profissional, postergando ou anulando totalmente de suas vidas uma possível maternidade, ou escolhem o caminho da adoção, preferencialmente de crianças maiores, para não passar por todo o processo gestacional e puerperal. Diante do exposto, entra o seguinte questionamento: É possível conciliar maternidade com a vida acadêmica? A hipótese para possível resposta a esta questão é que há inúmeros desafios diante de tal tarefa, obstáculos de cunho pessoal, acadêmico, político e social para tal conciliação, o que verificaremos adiante no decorrer da pesquisa.

O fato, é que ao tentar compreender tais questões podemos descortinar uma realidade que, por vezes, é ignorada e negligenciada. Quantas mulheres abandonam seus sonhos em prol de viver somente a maternidade? Quais delas continuam tentando firmes e resilientes perante os obstáculos encontrados? O que a sociedade em geral precisa saber acerca

do assunto a fim de proporcionar um amparo maior a estas pessoas, trazendo equidade para as mesmas? E por fim, no que a Universidade precisa melhorar para promover um espaço seguro e igualitário para que as mães se sintam acolhidas e tenham todo auxílio necessário no percurso acadêmico?

Outra justificativa é a necessidade de desestigmatizar o papel social da mulher, que ainda hoje é vista como a dona de casa, a que cuida do lar, dos filhos e do esposo em um ciclo infinito de submissão, na qual o papel familiar se sobressai a qualquer outro âmbito da vida, inclusive o da construção de uma carreira.

Todas as questões citadas anteriormente se enquadram nos seguintes aspectos: filosófico, histórico-social, psicológico, e político. Assim sendo, a presente pesquisa torna-se altamente relevante na compreensão dos fatores envolvidos, visto que, em uma sociedade que ainda vive à sombra do patriarcado, um olhar mais crítico para tais necessidades traz à tona o sexismo impregnado ao longo do tempo, onde os papéis exercidos na sociedade são definidos por gênero, causando uma discrepância no tocante às oportunidades vivenciadas por homens e mulheres.

A questão principal que norteou esta pesquisa foi: Quais os desafios e estratégias para conciliar maternidade e vida acadêmica no período da gestação e puerpério? Questão a ser analisada a partir da percepção das mães universitárias do curso de pedagogia da Faced-UFC. Tendo como ponto de partida este questionamento, definimos como objetivo geral investigar os principais desafios e estratégias utilizadas pelas discentes para conciliar a vida acadêmica com o ato de matinar. Os objetivos específicos da pesquisa proposta foram: compreender as dificuldades encontradas pelas acadêmicas no período gestacional e puerperal; analisar o âmbito histórico-social em que estão inseridas e as estratégias utilizadas; e indicar possíveis soluções para tal questão.

A fim de dar organização retórica a este trabalho, seguiremos de maneira sistemática as seções. Primeiramente descrevendo a metodologia utilizada, depois, justificando a fundamentação teórica, expondo o referencial utilizado no desenvolvimento do estudo; posteriormente, trazendo a análise dos dados coletados, seguida das considerações finais, sintetizando as respostas encontradas, a partir do conjunto da pesquisa.

2 METODOLOGIA

Nesta seção, descreveremos a trajetória metodológica utilizada na investigação acerca das vivências acadêmicas no período de gestação e puerpério (período pós-parto), segundo as experiências de mães universitárias do curso de Pedagogia da UFC, frente aos desafios e estratégias no percurso de graduação. Detalharemos, assim, a abordagem utilizada, o contexto e o *locus* em que foi concluída, além do perfil das protagonistas do processo, instrumental e o modo de organização e análise dos dados.

2.1 A abordagem utilizada

A presente pesquisa foi feita em abordagem qualitativa, a intenção inicial era partir de entrevistas semi estruturadas com mães acadêmicas, a fim de coletar informações acerca de sua gestação e puerpério no tocante ao período acadêmico. Contudo, por questões de indisponibilidade de tempo das participantes, foi feito uso de um questionário na qual elas gravavam respostas por meio de *Whatsapp*. A pesquisa teve como foco alunas da graduação em pedagogia, que estão vivenciando ou que tiveram a experiência da gravidez ou do período pós-parto. A pesquisa qualitativa pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados (VIEIRA; ZOUAIN, 2006; BARDIN, 2011).

2.2 Contexto e *locus* da pesquisa

O contexto em que realizamos esta pesquisa foi o das vivências acadêmicas nos períodos de gravidez e/ou puerpério de estudantes de Pedagogia da UFC, investigando através das vivências das mesmas, os desafios e estratégias utilizadas para conciliar vida acadêmica com maternidade.

A escolha do local de aplicação da pesquisa levou em conta o público-alvo do estudo, ou seja, graduandas do curso de Pedagogia, que estejam grávidas ou com bebês de até dois anos. Observando que a Faculdade de Educação da UFC tem muitas estudantes nestas condições, achamos adequado realizar a pesquisa de modo presencial, porém, no decorrer da pesquisa encontramos dificuldade na concessão de tempo das entrevistadas, visto que as

mesmas só conseguem estar na Universidade no período das aulas, não encontrando maneira de estender um tempo extra para responder presencialmente as perguntas, visto que algumas moram longe do local do curso e/ou não podem se ausentar por muitas horas de seus bebês. Assim sendo, para estas foi utilizado a ferramenta de mensagens *WhatsApp*.

No tocante aos relatos pessoais, foi traçada a estratégia de responder às mesmas questões enviadas para as estudantes, gravando os áudios das próprias respostas e transcrevendo-as de maneira a utilizá-las igualmente as respostas das demais participantes do processo. Os procedimentos ocorreram na seguinte ordem: formulação das questões; aproximação e aferição das participantes em contribuir com a pesquisa; assinatura das participantes ao Termo de Consentimento para a realização do questionário; resposta do questionário pelas participantes e pela autora e, transcrição das respostas das mesmas, seguida do desenvolvimento do estudo com a escrita.

2.3 Perfil das participantes da pesquisa

As participantes desse estudo foram nove estudantes do curso de Pedagogia da UFC, além dos relatos pessoais de minha trajetória no curso. Todas as entrevistadas identificam-se como mulheres cis, com idades diferentes, cursando semestres distintos. Dentre estas, uma ainda estava gestante quando abordada, enquanto outras ainda com bebês de colo e três, dentre as participantes, têm crianças maiores, porém nascidas em meio ao processo de graduação. Com exceção de uma entrevistada, todas são casadas, noivas ou em união estável com os pais biológicos das crianças. Durante o processo de escrita, fizemos uso de pseudônimos ao se referir aos sujeitos do processo, a fim de manter discrição quanto à identidade e os dados fornecidos pelos mesmos. Podemos acompanhar o perfil das entrevistadas na tabela a seguir:

Tabela 1 – Perfil das participantes da pesquisa

Pseudônimo	Estado civil	Trabalha fora de casa? Ocupação	Quantidade de filhos e respectivas idades	Rede de apoio	Semestre que está cursando
Ana	União estável	Estágio AEE	3 filhos. Um de 2 e os gêmeos de 6	Pais e sogros	Oitavo

Lúcia	Casada	Não trabalha fora.	Bebê de 10 meses	Não tem	Sétimo
Sandra	União estável	Não	Bebê de 1 ano e 2 meses	Pais e sogros	Concluído em 2022.2
Bruna	Casada	Autônoma	2 filhos. Um de 4 anos e o bebê de 10 meses	Mãe e esposo.	Quinto
Mila (autora da pesquisa)	Casada	Sim/ faxineira, monitora de reforço / Bolsista	2 filhos. Um de 11 anos e um bebê de 1 ano e 4 meses	Mãe, irmãs e sogra.	Sétimo/oitavo
Lina	Casada	Bolsista	Uma filha de 2 anos.	Pais, irmã, sogros	Oitavo
Diana	União estável	Não	Uma filha de 8 meses	Não tem	Sétimo
Tanya	Solteira	Doceira/secretário administrativo	Um filho de 4 anos	Pais	Sétimo
Bárbara	União estável	Não	Grávida de 6 meses na época da pesquisa	Família	Sétimo
Bia	Solteira	Acompanhamento pedagógico / empreendedora lojista	Um filho de 3 anos	Pais e sogros	Oitavo

2.4 O instrumental utilizado na coleta de dados

Na construção de dados fez-se uso de questionário, com perguntas elaboradas a fim de proporcionar compreensão entre pesquisadora e participantes, de modo a conseguir de maneira ética e espontânea as respostas que são peças fundamentais para a pesquisa. Visto que é através da análise das mesmas que podemos enumerar os fatos elucidativos do presente estudo. Assim sendo, as seis perguntas aplicadas foram:

1 - Qual semestre você estava cursando quando engravidou? A gravidez foi planejada? Fale um pouco sobre sua experiência.

2- Você tem uma rede de apoio? Em que consiste essa ajuda?

3- De que forma a gravidez e o puerpério impactaram a sua graduação? Conte as principais dificuldades que você enfrentou ou esteja enfrentando.

4– Você em algum momento pensou em desistir da graduação? Como superou este pensamento? Houve ajuda de alguém?

5– Alguma vez você precisou levar seu filho para a Faced no horário de aula? Como foi a experiência?

6– Quanto ao apoio docente e institucional, como tem sido suas vivências quanto a isso?

Para conduzir o processo mantendo a formalidade e garantindo às participantes um estudo realizado de maneira ética, solicitamos a estas a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes da realização das entrevistas, esclarecendo os detalhes da pesquisa a ser realizada, como o tema e seus objetivos, a importância delas em fazer parte do processo, etc. No próximo tópico, compreenderemos acerca do método utilizado na organização e coleta de dados.

2.5 Organização e Análise dos dados obtidos

Após finalização da etapa do questionário, e autorização das participantes, foi realizada a transcrição das respostas das mesmas (incluindo a autora) de forma manuscrita em um caderno, a fim de auxiliar na visualização e estudo do conteúdo das entrevistas. Assim sendo, foram organizadas em formato analógico a ficha contendo as perguntas e respostas, pseudônimos e perfil de cada entrevistada. A seguir iniciou-se o desenvolvimento da análise, onde foram comparadas as respostas e categorizadas, associando semelhanças e divergências.

A prioridade na escolha dos dados foi evidenciar os que mais se identificam com o objetivo da pesquisa, que é o de investigar os principais desafios e estratégias utilizadas pelas discentes para conciliar a vida acadêmica com o ato de maternar; No próximo capítulo, teremos o detalhamento das categorias encontradas no decorrer da análise realizada a partir das vivências das participantes, documentadas como respostas ao questionário que lhes foi aplicado durante a pesquisa.

3 MATERNIDADE: O QUE A SOCIEDADE ESPERA DE NÓS?

O referencial teórico escolhido para embasar a pesquisa traz reflexões acerca da divisão social do trabalho, pautada em questões de gênero e na importância do feminismo para a desestigmatização da função da mulher, à luz de Hooks (2018); A possibilidade ou não da escolha entre carreira e maternidade, ou a tentativa de conciliação de ambas, com base nos estudos de Scavone (2001); e, por fim, o modo em que a sociedade normaliza o sofrimento das mães, idealizando-as em um modelo de perfeição e as culpabiliza quando não atingem esta projeção, no qual encontramos aporte teórico em Badinter (1980). Além de outros autores usados com menor frequência para complementar a veracidade dos estudos.

3.1 O papel social da mulher: marcas de uma sociedade patriarcal

Durante grande parte da história, em maioria das sociedades, mulheres foram vistas socialmente como "sexo frágil", sendo educadas exclusivamente para as tarefas do lar, atividades manuais delicadas e destinadas a casar, gerar filhos e serem submissas às ordens dos maridos. Aquelas que ousavam rebelar-se eram enviadas à educação religiosa, enclausuradas em conventos, pois não havia liberdade de escolha em seus destinos. Os homens, ao contrário, eram educados para trabalhar, para guerra ou para assumir posições de poder social, prolongando por muitos anos a imagem do provedor, que sustenta a família por meio do trabalho. Pois, desde as comunidades primitivas, a divisão social do trabalho era pautada em relações de gênero e poder. Enquanto os homens caçavam, e lutavam para prover às necessidades do grupo, as mulheres eram destinadas a cuidar dos filhos, cozinhar e às atividades consideradas como leves para os homens, como pesca e extrativismo.

No entanto, a partir das revoluções feministas, as configurações sociais foram sendo transformadas. No contexto da reprodução, houve grande contribuição do feminismo, pois nota-se que em um primeiro momento houve uma rebelião das mulheres acerca do papel maternal imposto a elas pela sociedade, como: Logo, “a recusa da maternidade seria o primeiro caminho para subverter a dominação masculina” (SCAVONE, 2001, p. 139). Ou seja, viram neste primeiro momento um sentido de liberdade de escolha que proporciona igualdade em um mundo dominado pelo patriarcado. O papel da figura feminina tem mudado constantemente ao longo do tempo. Porém, por outro lado, ainda existem muitos obstáculos neste percurso

emancipatório. Na educação, no lar ou como mãe, apesar de alguns avanços, ainda se tem muito a conquistar perante uma sociedade historicamente patriarcal, principalmente no que tange à desigualdade entre gêneros. Entre os séculos XVI e XIX, durante o período colonial brasileiro, a educação da mulher se restringia ao aprender como ser uma boa esposa, ao ser mãe e ao cuidar do lar (RIBEIRO, 2000). Até um pouco depois deste período, as mulheres tinham a incumbência apenas de serem reprodutoras, para perpetuar os laços sanguíneos da família.

A partir da primeira escola de ler e escrever, fundada em 1549, pelos primeiros jesuítas aqui chegados, tinha a intenção na formação cultural da elite branca e masculina, o que foi nítida na obra jesuítica [...] estavam destinadas ao late aos afazeres domésticos [...]. E nunca poderiam ter o mesmo acesso que os homens e isso se inclui principalmente à educação; [...] Não só as mulheres brancas, mas as índias foram consideradas dispensadas do sistema educacional. Naquela época, a mulher era destinada apenas ao casamento, quando não conseguiam se casar [...] faziam dos conventos e casas de acolhimento femininas, uma prática para as mulheres desamparadas ou solteiras (RIBEIRO, 2000, p. 79-84).

Atualmente, muitas famílias são chefiadas por mães, um fato que tem influenciado muito a vida da mulher no sistema educacional e na sociedade (SANTANA, 2012). A mulher na atualidade não é mais um indivíduo dependente do casamento e da maternidade, pois tem buscado, cada vez mais, se preparar para o mercado de trabalho, optando muitas vezes pela graduação como meio de ingresso a uma carreira profissional.

Outro problema relacionado ao papel social da mulher é a forma com que se sobrecarregam nas atividades do lar, pois a sociedade não cobra da mesma forma este trabalho aos homens. Neste caso, as mulheres, principalmente as mães, se adaptam à rotina de serviços domésticos e cuidados com as suas crianças atrelados às obrigações universitárias. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) referentes ao ano de 2020, mulheres dedicam em média 18,5 horas semanais aos afazeres domésticos e aos cuidados de pessoas, enquanto os homens dedicam apenas 10,3 horas semanais para as mesmas atividades. Essas mesmas mulheres que se dedicam aos afazeres domésticos também têm obrigações com a universidade, e por vezes até com um trabalho remunerado, se sobrecarregando ainda mais.

Percebe-se que o tema da maternidade e academicismo se alia muito ao estudo do feminismo, pois é necessário saber das pautas de lutas deste movimento tão necessário para as mulheres. Na experiência de ser mãe e universitária, compreendi o quão historicamente a configuração patriarcal da sociedade e o papel da mulher como reprodutora, nos coloca muitas vezes em um lugar de dificuldade quando tratamos de nossas carreiras, pois a mesma sociedade que nos cobra filhos é injusta conosco, nos colocando em desigualdade com os homens. E isso

se reflete em nossos cargos, salários, comportamento social, dentre outras coisas. A educação anti sexista é o caminho para uma sociedade mais justa entre homens e mulheres. O feminismo é algo a ser construído coletivamente. Não é um movimento restrito às mulheres, mas deve passar por toda a sociedade se estendendo também aos homens, todos necessitam do movimento e precisam dele se apropriar numa construção coletiva de igualdade entre os sexos, de não dominação (HOOKS, 2018).

Neste ponto, há de se ter em vista a importância da paternidade e maternidade agindo em conjunto para uma educação anti sexista, tanto na criação das meninas quanto na dos meninos e as boas consequências desta educação na construção destes indivíduos. Mas é necessário que não haja um discurso que segregue a maternidade solo, tornando-a menos importante em vista das famílias formadas por um casal. A criação anti sexista deve ser de todos, seja na maternagem ou na paternagem solo, nos casais homossexuais ou heterossexuais e em todas as configurações familiares possíveis. "O movimento feminista é pró-família " e " Sempre que a dominação estiver presente, faltará amor", estas duas frases encontradas na página 43 do livro "O feminismo é para todos" demonstram bem a relação que uma educação antisexista tem com o sucesso familiar, pois desde bem pequenos os indivíduos aprenderão a ter senso de justiça e igualdade e a buscar os direitos de equidade a todos os cidadãos, sem o domínio de um sexo sobre o outro.

3.2 Maternar: dom natural ou escolha?

Ainda nos dias de hoje, é comum se pensar que a maternidade é algo comum a todas as mulheres, fato determinado biologicamente. A sociedade condiciona o sexo feminino, à maternagem, e tende a ver com maus olhos as mulheres que optam por não ter filhos. Há um controle sobre nossos corpos, sobre nossas escolhas. Isso, conseqüentemente, faz com que muitas mulheres acabem sucumbindo a esses padrões sociais, fazendo com que desistam de seus anseios pessoais para viver uma vida reducionista que lhe foi imposta.

Neste ponto, o feminismo questiona, de modo a refutar a lógica determinista, considerando que a experiência da maternidade torna-se a causa principal da dominação dos homens sobre as mulheres (SCAVONE, 2001). Isso porque, quando nos tornamos mães, ficamos em desigualdade aos homens perante à sociedade, pois os empecilhos são bem maiores para as mulheres no que se diz respeito à área profissional, sendo que os cuidados

com as crianças são majoritariamente de responsabilidade materna, enquanto ainda há uma divisão injusta de papéis, no tocante à paternagem, restringindo ao pai a parte de apoio financeiro.

Atualmente, em meio a uma era tecnológica, o poder de escolha do momento da maternidade é um pouco mais amplo, com o uso dos métodos contraceptivos, fertilização in vitro, reprodução assistida e outros métodos, o que possibilita às mulheres postergar uma gravidez antes da construção de suas carreiras profissionais. Porém, não são todas as mulheres contempladas por estas tecnologias, visto que estão ligadas ao poder aquisitivo, não estando ao alcance das classes mais baixas.

É perceptível, ainda, que mesmo em meio a um contexto moderno, a maternidade ainda é supervalorizada, principalmente em meio às próprias mulheres, que ainda sonham em ser mães, e que não tendo condições financeiras para adiar, optam por deixarem suas carreiras em prol de vivenciar a maternidade, visto o que a sociedade impõe como relógio biológico, ou o tempo certo para engravidar, que geralmente, dizem ser antes do período da menopausa. Para estas, a escolha é algo que não pode ser adiado por muito tempo e assim, muitas escolhem ter filhos e vivenciar o momento com estes, adiando ou desistindo de suas vidas profissionais.

3.3 “Padecer no paraíso”: a normalização do sofrimento materno

"Ser mãe é padecer no paraíso..." Este verso, de um poema escrito por Coelho Neto, é bastante conhecido por muitas pessoas. Por diversas vezes, ainda pequenos, quantos de nós ouvimos nossas mães e avós proferir esta frase? Tal paradoxo entre amor e sofrimento materno, já está tão enraizado em meio às próprias mulheres na sociedade, que é repetido como um mantra, repassado como um provérbio popular de geração a geração. Parte deste sofrimento vem da cobrança excessiva que a sociedade despeja sobre as mães, atribuindo-lhes um ideal de perfeição a ser atingido. Uma responsabilidade impelida a uma condição de ser possuidora de um amor incondicional. O papel familiar e social da mulher é reorganizado, tendo que passar por adaptações, pois a partir deste momento, ela se tornará mãe e educadora (TOURINHO, 2006). A maternidade traz consigo um estereótipo, ainda hoje descrito de maneira romântica. Esse estereótipo associa a ideia de ser mãe à idealização de sacrifício, amor incondicional e disponibilidade total ao filho, o que diverge bastante da realidade do papel materno (TRAVASSOS- RODRÍGUEZ; FÉRES - CARNEIRO, 2013).

Todo o processo da maternidade da gestação até o fim dos dias, é romantizado de maneira exacerbada pela sociedade. Temos que aguentar as dores, o desconforto, as mudanças hormonais e corporais, as dificuldades financeiras advindas de uma gestação não planejada, dentre outros problemas sem reclamar. Pois, para muitos tudo isso faz parte do tornar-se mãe, a sociedade se importa com o rebento, mas negligencia quem o colocou no mundo. Quando uma mulher engravida cria-se toda uma expectativa em torno do bebê. Em meio à família, amigos e sociedade em geral, sempre alguém estará a tentar controlar nossas vidas: o que e quanto comeremos, pois "grávida tem que comer por dois", o que devemos vestir: "esta roupa não está atrapalhando o crescimento do bebê?" Não podemos fazer muito esforço físico, pois alegam risco de aborto espontâneo, mas se nos sentimos cansadas, nos criticam pela necessidade do repouso, afinal para estes, "gravidez não é doença". Até mesmo os nossos corpos são invadidos neste momento, pois as pessoas se sentem confortáveis em pôr a mão acariciando a barriga da gestante sem permissão. E isso são apenas exemplos de tudo o que somos impelidas a aceitar resignadas durante a gravidez.

Mais adiante, no que se refere ao nascimento do bebê, romantizam as dores do parto, alegando sermos predispostas geneticamente a senti-las, normalizam a violência obstétrica, não nos dão o direito de escolha quanto ao tipo do parto. Afinal, creem que as mulheres são (ou pelo menos devem ser) fortes. Após o nascimento, todas as atenções são voltadas ao bebê, enquanto a mãe necessita também de cuidado, sobretudo emocional, mas encontra na maioria das vezes críticas. Quantas vezes a própria rede de apoio, não se transforma em "rede de palpites"?

O mito do amor materno, segundo BADINTER (1980), iniciou-se em meados do século XVIII, a época em que as mães sacrificavam-se em prol de seus filhos, objetos de seu bem querer. E para tanto demonstravam provas de amor como abstenção dos cuidados a si mesmas, deixar de recorrer a amas de leite e amamentar sua prole, ter um médico específico da família para cuidar dos pequenos, etc.

Ademais, a culpa é algo que acompanha as mães, pois com tantas acusações apontadas pela sociedade, na figura de pessoas próximas, finda-se por assumirem essa postura de culpadas, pois a idealização de mãe perfeita é algo inalcançável. Nos sentimos culpadas em deixar nossos filhos com terceiros, em não conseguir dar conta de tudo. E quão adoecedor é este ideal de maternidade perfeita, que une casa, filhos, casamento e carreira com expectativas de obter êxito em todas elas! Um ideal inatingível que traz sofrimentos psíquicos às mães, em

especial as universitárias, que necessitam se ausentar dos filhos em busca de uma melhoria profissional através da graduação.

3.4 Ser mulher e mãe: um caminho mais longo rumo à graduação

O período da graduação é uma fase de preparação para a formação profissional de nível superior, onde há o aprofundamento de conhecimentos na área escolhida. Este percurso é marcado por diversas dificuldades para muitos universitários: questões socioeconômicas, a necessidade de trabalhar neste período, não podendo se dedicar totalmente às atividades acadêmicas, dentre outras. No caso das mulheres, a maternidade se torna mais um agravante para conciliar com a graduação, visto que ser mãe por si só, já é um trabalho árduo que se inicia no período da gestação, que apesar de ser erroneamente romantizado como um momento único e especial na vida da mulher, é uma fase complicada devido aos diversos sintomas que podem vir a ser um empecilho para assistir às aulas ou realizar os trabalhos (enjoo, sonolência, dores de cabeça, azia e vários outros desconfortos). Além desses sintomas comuns, a ansiedade causada pelas expectativas e incertezas que o momento atual de pandemia traz para a vida da mulher também contribui para que não vejamos essa condição de forma tão romantizada.

No que se refere à vida acadêmica, o momento do parto e do puerpério podem ocasionar atraso no decorrer do curso, apesar de que no Brasil, as gestantes e puérperas são amparadas pela lei n. 6.202, de abril de 1975, que permite que as gestantes possam estudar e fazer suas atividades e provas em regime domiciliar, a partir do oitavo mês de gestação (BRASIL, 1975). Mesmo com o amparo da lei, muitas mulheres acabam tendo dificuldades para prosseguir com a vida acadêmica, pois após o parto, os primeiros instantes com o bebê são bastante cruciais (noites em claro, dificuldades na amamentação e na adaptação com os cuidados da criança, especialmente quando se é mãe solo e de primeira viagem, e quando não se tem uma rede de apoio). Muitas mulheres no início da maternidade optam por suprimir disciplinas ou até mesmo desistem totalmente do curso, em meio às adversidades consequentes da necessidade da coalizão entre maternidade e graduação.

Assim sendo, todas estas adversidades se tornam barreiras ao longo do processo de graduação, atrasando o curso para as discentes e causando transtornos, principalmente na

questão profissional, visto que quanto mais longe do término do curso, mais longe de adquirir um emprego na profissão escolhida.

4 MATERNIDADE *VERSUS* GRADUAÇÃO: AS ETAPAS TRANSCORRENTES DESTE PROCESSO

Neste capítulo, iremos analisar e discutir os dados coletados, categorizando-os em desafios e estratégias. As análises foram divididas em três tópicos referentes aos desafios encontrados nos relatos e três tópicos que trazem as estratégias utilizadas pelas discentes para conseguir enfrentar as dificuldades.

4.1 As principais dificuldades relatadas

Quanto aos desafios foram divididos entre socioeconômicos, emocionais e referentes à falta de políticas e aparatos para garantir a permanência das estudantes. No tocante às estratégias, a presença de rede de apoio, apoio docente e institucional e os motivos para não desistir da graduação, mesmo em meio às adversidades.

4.1.1 Dificuldades socioeconômicas: mães universitárias em vulnerabilidade social vivem a graduação de forma mais difícil.

Neste tópico, verificamos que a maior parte das estudantes fazem parte de um grupo social mais vulnerável, e que, na época da gravidez ou puerpério, as que não planejaram engravidar, de certa forma, se sentiram bastante afetadas pelas dificuldades econômicas, tornando a jornada acadêmica bem mais complicada. Afinal, as estudantes se utilizam de transporte público para ir às aulas, mesmo com o apoio da meia passagem estudantil, junto aos gastos com lanche, RU, material didático, impressões, dentre outras coisas necessárias no decorrer da graduação que geram uma oneração significativa às discentes, principalmente as que não exercem atividades remuneradas.

Junto a isso, a chegada de um bebê traz inúmeros gastos desde o ventre, a considerar que o bem-estar da gestante é proporcional a um conjunto de coisas como: alimentação, saúde, lazer, etc. E com a chegada do bebê, o peso nas finanças se multiplica. Esse conglomerado de situações acabam desestabilizando emocionalmente as mães

universitárias, de modo a se tornarem obstáculos no percurso acadêmico, podendo até baixar o rendimento das mesmas. Podemos ver um pouco deste impacto em minha vivência pessoal:

Estava indo para o quarto semestre quando engravidei, sem planejamento. Eu usava DIU desde o primeiro filho, ou seja, há 9 anos. Foi um misto de sentimentos. Primeiro fiquei feliz por meu esposo, pois era o sonho dele. Mas por mim mesma eu me sentia triste, pois há apenas um ano eu tinha conseguido entrar no curso de pedagogia da UFC, estava em um trabalho CLT como costureira, e estava vivendo um período bem intenso na minha vida, pois depois que meu primeiro filho já estava bem crescido, eu e meu esposo estávamos vivendo uma espécie de segunda lua de mel. Porém, com a chegada da gravidez tudo mudou, pois junto veio a indisposição, crises de ansiedade, o que me motivou a pedir demissão. Depois disso, começamos a viver um período de insegurança financeira, não tínhamos sequer de onde tirar o enxoval para receber o bebê, e era muito difícil conseguir se alimentar de maneira saudável, pois mal tínhamos o básico para subsistência, fato esse que só piorava minhas crises. Houve tempos tenebrosos, inclusive de pensar em me atirar da escada de casa pra perder o bebê e, conseqüentemente, morrer. Tudo isso se refletiu no meu rendimento, visto que eu sentia muitas dores de cabeça e fraqueza, e na época as aulas eram online, e eu acabava optando por não assistir, e em meus trabalhos acadêmicos eu fazia o mínimo que eu conseguia, dentro de minhas possibilidades apenas para não reprovar.

Ao verificar este tópico, nos deparamos com uma discrepância entre a experiência da gravidez não planejada em estudantes com aspectos socioeconômicos diferentes, pois para aquelas que dispõem de condições financeiras melhores, o fardo se torna mais leve, tendo em vista o fato de conseguirem conforto necessário, tanto em meio à gestação quanto ao puerpério, sendo pois que o dinheiro torna acessível a locomoção, fazendo uso de transporte privado, mesmo que em carros de aplicativo, saúde, inclusive psicológica, tornando possível adquirir profissionais para acompanhamento, alimentação adequada às necessidades das gestantes e puérperas, dentre outras vantagens, pois como não têm muitas preocupações financeiras, acabam por conseguir êxito também no âmbito estudantil, como disse Lúcia (7º semestre): “A gravidez foi planejada, quando eu estava no quinto semestre. Minha realidade era bastante favorável, tinha emprego fixo, tive a oportunidade de estudar na modalidade especial por causa da pandemia. Tive todo o suporte dos professores!”

A percepção do curso e da maternidade em si é bem diferente comparando a realidade das duas estudantes acima, sendo que para as mulheres em vulnerabilidade social, as dificuldades são bem maiores podendo trazer inclusive o desejo de abandonar a graduação.

4.1.2 Dificuldades emocionais e físicas: dar conta de tudo é adoecedor

A maternidade, mesmo em gestações concebidas dentro de relacionamentos padrões, sempre é um percurso solitário, cheio de inseguranças e alguns temores. Carregar uma gestação por nove meses, ver as mudanças hormonais e corporais acontecendo, acompanhada de cansaço, dores, incômodos físicos e psicológicos, tudo isso aliado às preocupações com o bebê e com os preparativos de sua chegada acabam sobrecarregando emocionalmente as mulheres. E mesmo depois do nascimento, a amamentação, a privação de sono, os cuidados com o bebê, embora tenham uma rede de apoio, se tornam um sofrimento psíquico para a mãe, e sendo esta universitária, fica em desvantagem diante às demandas do curso. Uma das entrevistadas está na fase da gestação e nos relata um pouco do que está vivendo:

A gravidez impactou na graduação nos primeiros meses porque eu me sentia cansada, sem disposição e tinha que ir pra faculdade a noite, dar conta dos trabalhos e atividades, também tinha medo de voltar da aula por ser tarde, tinha medo de sentir alguma coisa e estar sozinha. No momento estou nesse embate da faculdade e gravidez, tô me sentindo um pouco perdida, as vezes penso em desistir ou trancar, as vezes penso em continuar e diminuir o ritmo, pois sei que vou ter que atrasar mais um pouco o término da faculdade já que não vou conseguir fazer os estágios do período que deveria ser, nem sei se vou conseguir concluir meu TCC estando grávida, pois tenho medo do neném nascer antes, então estou ainda com todas as dúvidas e medos na cabeça e quem mais me ajuda é meu companheiro que me incentiva a não desistir. (BÁRBARA, 7º semestre).

Muitas das entrevistadas alegam terem tido diversos problemas em conciliar o período da graduação com as dificuldades físicas e emocionais da gestação e puerpério, como o caso de Bruna (5º semestre), que passou por uma gravidez de médio risco, e que quase desistiu por uma complicação de saúde do bebê:

Durante a gravidez, estava nas aulas remotas, então consegui manter um ritmo bom no estudo. Porém, no puerpério, a gente descobriu que o pequeno nasceu com uma hérnia inguinal que todo pediatra dizia que tinha que operar, porém o plano tinha carência e não fazia. Então mesmo tendo aulas remotas não conseguia me concentrar e nem participar das aulas porque estávamos correndo atrás da cirurgia do bebê.

Como podemos ver, as dificuldades físicas e emocionais vividas pelas mães universitárias afetam diretamente no desenvolver de sua graduação, baixando frequência, rendimento, tirando a paz emocional destas alunas, visto que maioria delas também são donas de casa ativas nas tarefas do lar, e/ou necessitam trabalhar fora para complementar a renda familiar deixando-as ainda mais sobrecarregadas e psicologicamente afetadas, podemos ver este impacto em meu relato, quando entrei em depressão por me sentir pressionada a dar conta de tudo ao mesmo tempo: casa, filhos, finanças e a faculdade.

O mais perto que pensei em desistir não foi somente da graduação e sim da vida, pois tive uma crise forte onde atentei contra minha vida, na época eu estava em sobrecarga

emocional muito forte, pois após ter brigado com minha sogra, comecei a me questionar como mulher, esposa e principalmente mãe, visto os julgamentos recebidos pelo fato de não ser uma dona de casa organizada e de pedir para meu filho e esposo fazerem tarefas domésticas, que segundo muitos na sociedade, seriam obrigações exclusivamente minhas. Esse foi o semestre mais difícil, pois eu faltava muita aula, pelo fato de me sentir sobrecarregada em ter que levar o bebê comigo. Fazia somente o mínimo para atingir as notas necessárias para passar. Fora o fato das necessidades financeiras apertando, que me levou a ter pensamentos de desistência, de voltar a trabalhar em período integral, mas meu esposo sempre afirmava que faltava pouco e que eu não devia desistir depois de tanto que eu já tinha feito no curso. Meus amigos da graduação e da bolsa me apoiaram muito depois desse episódio, mas o que me ajudou muito foi participar do projeto Pré-Natal psicológico, do curso de psicologia da UFC, no qual eu consegui seis sessões gratuitas de terapia, o que me ajudou a me manter forte.

É cruel, se pararmos para pensar, que eu, sendo uma mãe, tenha tentado suicídio ao me sentir insuficiente para os meus filhos, para o meu lar e para o meu curso, pelo machismo estrutural enraizado em nossa sociedade, que nos cobra a todo momento que devemos ser guerreiras, fortes, que temos que cuidar do nosso lar. Mas quem cuida de quem cuida? Até quando teremos que escolher entre o lar ou uma carreira, ou vestir o uniforme da mulher maravilha e tentar enlouquecidamente dar conta de tudo? Mães universitárias necessitam de apoio psicológico, institucional e familiar. É necessário um olhar mais humano e cuidadoso, longe de qualquer romantização acerca da maternidade.

4.1.3 "A Universidade não está pronta para nós": Insuficiência de políticas educacionais e aparatos que garantam a permanência das mães estudantes

Outro problema identificado através das falas das entrevistadas durante a pesquisa foi a insuficiência de políticas educacionais e a ausência de aparelhos nas instituições que auxiliem na permanência das mães durante a graduação e nos demais períodos da carreira acadêmica. Muitas mães não dispõem de rede de apoio ou não possuem condições financeiras para conseguirem babás ou creches para os filhos, visto que, na rede pública municipal, a oferta de vagas nos berçários é quase inexistente ou insuficiente. Mesmo para as crianças maiores, a concorrência é grande. Além disso, as mães que estudam no período noturno não podem dispor de tais aparelhos neste horário. Então, muitas optam por levar seus filhos para as aulas, enfrentando muitas dificuldades, como podemos constatar em meu relato pessoal:

Passei o restante do semestre inteiro levando ele comigo. Era uma tarefa árdua, bastante cansativa, que já começava o enfado logo em casa na hora de ter que arrumar a bolsa pra levar além dos meus materiais escolares, todo o aparato do bebê (fraldas, alimentação, produtos de higiene) além de roupas para mim, visto que por vezes eu passava mais de um turno na Faced cumprindo agenda da bolsa, o percurso também

era bem cansativo, pegar dois ônibus com um bebê de colo e uma mochila carregada em horário de pico era muito estressante. Ao chegar na Universidade, eu recebia acolhimento de meus colegas que se revezavam pra ficar com o bebê, mas por vezes eu era atrapalhada de assistir com plenitude às aulas, pois quando o bebê chorava eu saía de sala para acalantar, passava o tempo todo dividida entre prestar atenção na aula e prestar atenção no meu filho, pois eu deixava ele brincando no chão. Onde também eu me sentava pra poder evitar que ele chorasse e atrapalhasse a aula. Recebia muitos olhares de reprovação por parte de alguns discentes e também de docentes. Por incrível que pareça, os professores homens eram mais compreensivos com a presença de meu filho que as mulheres.

Podemos identificar neste contexto, vários obstáculos: a falta de preparo de alguns professores para tornar o ambiente mais acolhedor às mães que não têm alternativa a não ser levar seus bebês, muitas das entrevistadas expressaram o desejo de ver a brinquedoteca ativa nos horários das aulas, com o intuito de receber estes filhos das discentes, além da reclamação de não haver um fraldário na instituição. A falta de empatia por parte de alguns colegas de turma é algo que de certa forma exclui e estigmatiza ainda mais este grupo. O acolhimento é essencial à permanência destas alunas.

Mas ainda sobre as políticas de permanência, podemos afirmar que são insuficientes. A PRAE Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis oferta, semestralmente, por meio de edital, um auxílio creche no valor de R\$210,00 para crianças de 6 meses a 4 anos incompletos, para discentes matriculadas em curso de graduação, na carga horária mínima exigida no edital correspondente, apresentando por meio de formulário socioeconômico, situação de vulnerabilidade. Tal benefício pode ser renovado conforme indicações no edital. Porém, além do valor ser muito inferior comparado ao valor da remuneração de uma babá ou de mensalidade em creche ou berçário, as vagas ofertadas por semestre são poucas comparadas a quantidade de alunas que necessitam do benefício.

Outra questão citada pelas mães foi a dificuldade em solicitar o regime especial (licença), duas das entrevistadas relataram problemas burocráticos no processo de documentação e exames médicos. Como na fala de Bia (8º semestre):

Minha experiência de puerpério estando em regime especial das aulas não foi das melhores, uma vez que, mesmo tendo ido ao departamento médico, levar meu protocolo à Faced, me inscrito nas disciplinas, tudo conforme as regras, fui prejudicada, pois perderam meus documentos e não deram entrada no regime especial, ou seja, os professores não estavam sabendo e, com isso, não recebi as atividades que deveria ter recebido. Logo depois, vivemos o período de pandemia e me encontrei como todas as outras alunas, em aulas remotas quase que sem condições de continuar nas aulas.

Diana (7º semestre), por sua vez, relata que desistiu de solicitar o regime especial:

O apoio institucional se mostrou complicado quando tentei recorrer a ele pelo direito à licença maternidade, por conta da falta de informações e clareza do funcionamento desta licença e porque ao optar pela licença eu perderia a bolsa da monitoria, o que eu não poderia arriscar perder logo agora com uma bebê. Na minha vez o pessoal da coordenação me mandou pra outro local para recorrer à licença e quando cheguei me mandaram voltar pra coordenação. Já começou o conflito aí. Depois não teve como porque o coordenador do PID da monitoria já foi logo dizendo que perderia a bolsa se estivesse em licença. Aí eu fico triste porque tinha tudo pra funcionar, principalmente pelas pautas que a gente debate em sala e por conta do nosso curso ter tantas mães, mas claro que deveria ser algo tranquilo recorrer em qualquer curso, só é mais absurdo ainda quando é um curso que tem tantas mães, como a pedagogia.

Outro ponto importante é sobre a estrutura física do prédio, que mesmo em um curso frequentado em grande maioria por mulheres, não abrange todas as necessidades decorrentes das mesmas. Por exemplo:

Ao chegar na sala de aula, a professora e os colegas foram muito receptivos, acolheram a mim e meu filho. No entanto, pude ver na concretude que a Faced não tem estrutura nenhuma para receber as discentes que necessitem levar os bebês, as cadeiras são pequenas e extremamente desconfortáveis, não tem fraldário. Tive que trocar meu filho em cima de uma mesa no corredor. Penso que a estrutura física diz muito sobre o local. Mesmo sendo um curso de pedagogia, onde é bastante voltado para a primeira infância, o debate ainda continua na teoria, na prática dos desafios sentidos pelas discentes que precisam levar seus filhos, muitas vezes têm essas adversidades transformadas meramente em discurso de superação. (ANA, 10º semestre)

Enfim, através dos relatos podemos claramente ver a falha na assistência às mães universitárias, em relação ao apoio institucional e à falta de políticas educacionais que viabilizem a continuidade dos estudos das discentes que têm filhos. É necessário pensar em estratégias que possibilitem acolhimento e incentivo à permanência das mesmas, afinal, principalmente em um curso majoritariamente composto por mulheres, como é o caso de pedagogia, há de se considerar que dentre estas discentes muitas são mães e necessitam de um apoio mais efetivo, com direito a reformas físicas nas instituições e criação de políticas assistencialistas voltadas a estas estudantes.

4.2. Estratégias de superação de dificuldades e contribuições nesse processo

A partir deste tópico traremos as estratégias utilizadas pelas entrevistadas para conciliar maternidade e graduação, assim como as principais contribuições que estas receberam no decorrer deste processo. O primeiro tópico irá falar sobre rede de apoio, trazendo as relações

entre os envolvidos, assim como os pontos positivos e negativos; No segundo tópico, traremos os relatos das discentes sobre o apoio docente e institucional que tiveram durante a gravidez e puerpério e o impacto que este apoio ou a falta dele causou às estudantes. Por fim, no último tópico intitulado: "Filhos, nosso combustível para não desistir. " falaremos sobre a resiliência das mães universitárias e o que todas as entrevistadas demonstraram ter em comum: a busca da motivação através de seus próprios filhos.

4.2.1 Rede de apoio

Rede de apoio é como chamamos as pessoas que se dispõem a ajudar a puérpera a cuidar de seus bebês ou atividades do lar, além de outras atribuições que sejam em prol de ajudar uma mãe. De todas as participantes, apenas duas afirmaram não ter rede de apoio, a não ser a presença de seus companheiros, pais dos bebês. As demais disseram receber ajuda de familiares, geralmente as avós maternas, tias, e avós paternas de seus filhos. Ter uma rede de apoio é essencial neste momento da gestação ao puerpério, podendo servir beneficentemente às discentes no retorno ao curso, sendo pois importante ter alguém que as ajude passando um tempo com o bebê para ir às aulas ou colaborando nas atividades do lar para que tenhamos mais tempo para se dedicar aos trabalhos acadêmicos. Como podemos verificar na fala de Lina (8º semestre), que tem tido este apoio desde o ensino remoto, no período pandêmico quando sua filha nasceu:

Minha irmã e minha mãe sempre ficam com minha filha para assistir às aulas, e meu esposo também é um grande apoio nas tarefas da casa e nos cuidados com a bebê, sendo que ele também é universitário no curso de pedagogia. Atualmente, depois do retorno presencial, meus pais, minha irmã e minha tia me ajudam muito. Pois são eles que levam e buscam minha filha na creche durante a semana e também ficam com ela enquanto estamos na faculdade.

Outra entrevistada que relatou positivamente a presença de sua rede de apoio foi Sandra (Concludente em 2022.2), que inclusive decidiu se mudar para mais próximo de seus familiares:

Um dos motivos de nos mudar para Caucaia, foi pra ficar mais perto dessa rede de apoio, que são os quatro avós do meu filho, a minha mãe dormiu com a gente durante todo mês do meu resguardo aqui pois tive cefaleia pós anestesia. Minha sogra também vinha durante o dia ajudar cozinhando, dentre outras tarefas, visto que meu parto foi cesárea. Atualmente, ficam com nosso filho pra gente estudar, e quando precisamos sair a sós para um momento de lazer, posso também contar, não posso reclamar. Minha rede de apoio é muito existente e resistente.

Todavia, para algumas mães a rede de apoio por mais que seja existente, falha em causar de certo modo um constrangimento gerado pela dúvida em relação a esse acolhimento, principalmente quando se trata da família paterna da criança. Em alguns relatos, verificou-se a presença de um embate entre as entrevistadas e algumas pessoas de sua rede de apoio, fazendo com que se amarguem as relações de modo que a mãe se sinta constrangida ao necessitar pedir ajuda a tais pessoas, como verificado em minha própria experiência:

No retorno presencial, no início minha irmã (madrinha do bebê) e minha sogra se revezavam para ficar com ele. Meu filho e meu esposo me ajudam com as atividades do lar. Tive uma discussão com minha sogra e acabei optando por não deixar mais o bebê com ninguém assim sem remuneração, para evitar que as pessoas se sintam no direito de dar palpites na minha vida por estarem fazendo favor. Depois que eu consegui o auxílio creche da PRAE, passei a deixar ele com minha mãe e irmã mais nova, repassando para elas o valor do auxílio.

Quando a rede de apoio se sente no direito de impor suas opiniões, causando constrangimento, essa relação de troca é prejudicial, visto que muitas mães por si só já se sentem culpadas ou insuficientes. Isso porque, desde cedo, as mulheres ouvem da sociedade o que pensam ser o papel da mulher, as responsabilizando totalmente pelas coisas relacionadas ao lar, casamento e filhos. Ana (8º semestre) traz em sua resposta, o peso que ela sente desde muito cedo sobre ser mulher e mãe:

Eu tenho uma rede de apoio, minha mãe, meu sogro e minha sogra. Eu fico despreocupada quando os meninos ficam com a minha mãe. No entanto, quando preciso deixá-los com os avós paternos, fico mais receosa, é muito difícil sair e ter que deixá-los, eu sinto que não estou cumprindo com o meu papel de mãe e incomodando outras pessoas, a culpa é algo que perpassa a minha vida de graduanda e mãe. Até hoje esse pensamento ainda me deixa angustiada. Na infância, ouvi bastante o ditado: "quem pariu Mateus balance". Por diversas vezes, me vi repetindo involuntariamente esse ditado dentro da minha cabeça, tentando dar conta de tudo sozinha e a realidade é que eu não consigo e acaba sendo uma frustração muito grande. Desde pequena, fui moldada que o homem vai trabalhar e a mulher fica em casa, cuidando do lar e da família. Muitas vezes, cheguei em casa tarde e encontrei meus filhos e meu marido dormindo e me sentia muito mal, por não estar indo dormir com eles, contando uma história, perguntar como foi na escola... Esses momentos, aliado com a pressão da academia, fizeram com que eu cogitasse desistir do curso.

É impressionante o que o sentimento de culpa é capaz de criar no psicológico de alguém. Imagine a situação de se sentir menos mãe em relação às outras, pelo fato de não estar presente para embalar ou contar histórias para os filhos, pois no momento estava buscando algo de melhor para si e para eles, por meio da graduação. Esse sentimento é algo tão marcante dentro de nós como mulheres que acabamos tirando um pouco a responsabilidade paterna, assumindo toda a culpa por não estar presente, mesmo quando as crianças estão com o pai.

Como podemos ver dentre as estratégias e contribuições citadas pelas alunas, muitas citaram a presença de uma rede de apoio como principal ajuda na conciliação com a graduação. Na coleta dos dados, resolvemos trazer as duas faces desta contribuição: a positiva, nos relatos de Lina e Sandra, onde a rede de apoio foi ponto essencial para que as mães dessem continuidade a seus estudos. E por outro lado, a toxicidade existente em meio a essas relações, quando a rede de apoio se torna rede de palpites, julgamentos, imposição de opinião, invalidação da figura materna. Porém, tais aspectos negativos não acontecem exclusivamente por querer machucar os sentimentos destas mães, muito do que acontece é efeito de uma sociedade fundamentada no patriarcado, em que o papel social da mulher é reduzido a figura de esposa e mãe, tendo que aceitar como prêmio de consolação por todas as dificuldades da maternidade, apenas a alcunha romantizada de guerreiras. É importante que as pessoas que se disponham a ajudar uma mãe, façam isso de forma consciente e respeitosa, pois a necessidade de estar bem não se limita ao físico, e sim também ao emocional, e todo este apoio é imprescindível às mães universitárias, visto que necessitam se sentir tranquilas, acolhidas e respeitadas em sua jornada.

4.2.2 Apoio docente e institucional

Outro aspecto importante na jornada acadêmica de uma mãe universitária é ter apoio junto aos docentes e amparo da instituição. Os professores são responsáveis por nutrir dentro de seus alunos os melhores sentimentos como o de esperança, resistência, perseverança e inspiração. Quando uma universitária engravida ou tem um filho durante a graduação, ter professores que apoiem e facilitem a caminhada acadêmica, lhes dando suporte necessário, é de suma importância, pois a estudante-mãe sente que não está sozinha na caminhada e tem com quem contar dentro de seu processo de formação em sala de aula. Dentre os sujeitos da pesquisa, encontramos relatos positivos em relação ao apoio docente e institucional, como o caso de Lina (8º semestre):

Os professores foram muito simpáticos. Só tenho elogios aos professores que eu tive na minha gravidez e quando minha filha nasceu. Foram pessoas extremamente atenciosas, entendiam bem o meu lado. Sobre as apresentações eles diziam que se eu participasse da escrita dos trabalhos, se não tivesse problema com os colegas, eu não precisaria apresentar se não conseguisse. Mas eu sempre conseguia e sempre era uma festa quando eu mostrava minha filha na câmera. Eu realmente fui muito acolhida. Claro que nem todos são compreensivos assim, mas é uma parcela muito pequena comparado aos outros que dão esse apoio às alunas que são mães. Só tenho a agradecer aos professores do noturno por todo apoio que fez com que eu não desistisse.

Esse apoio docente é de suma importância para estas discentes, pois assim elas têm a confiança para não desistir, e traçam, junto a seus professores, estratégias para continuar estudando, como o que fez Diana, mesmo não solicitando o regime especial, teve suas faltas abonadas e apoio para estudar em casa:

Na gravidez não tive tantas dificuldades principalmente porque ainda aconteciam as aulas no modo remoto e dessa forma, não tive problemas com locomoção, por exemplo. Porém, no puerpério tive que contar com a ajuda dos professores, pois estávamos voltando para o modo presencial, mas eu precisava ficar em casa por conta da recuperação e os cuidados com a bebê. Por conta da compreensão e auxílio dos professores, pude continuar o semestre no modo remoto, fazendo as leituras e os trabalhos em casa. Tive dificuldade apenas na questão de tempo e concentração para estudar (DIANA, 7º semestre).

Nas duas narrativas acima, encontramos exemplos de empatia e amor docente. Mas o que pode acontecer, se não houver este apoio? Tanya conta que se desmotivou ao ouvir palavras negativas de um docente, chegando a trancar o curso por um período: "No segundo semestre do curso, ao tentar falar com um/ professor /a mesmo/a orientou a trancar o semestre, pois eu não iria querer estudar, iria querer olhar meu filho. Isso me desmotivou de forma gigantesca e fui trancar o semestre por meio de perícia com a junta médica."

Sabemos que já é escasso o apoio institucional, como dito anteriormente, há casos em que a solicitação do regime especial falha por algum motivo burocrático. A própria estrutura da instituição ainda não foi pensada para receber mães universitárias, sejam gestantes ou puérperas, não há um espaço infantil, fraldário e até mesmo as cadeiras são estreitas e desconfortáveis. Se junto a estas falhas, o apoio docente for inexistente, o curso se tornará ainda mais excludente a estas estudantes, visto que o professor, por sua autoridade em sala de aula, carrega forte influência sobre o desenvolvimento dos alunos e uma fala impensada pode pesar negativamente nas decisões dos mesmos. A discente Ana (8º semestre), nos conta que em seu percurso encontrou empatia por parte do grupo da bolsa PET e das professoras em seu puerpério, porém em seu relato ela traz que teve problemas com um professor:

Após parir, o grupo Pet pedagogia me deu um mês para que eu pudesse me recuperar da cirurgia pós-parto, foram bastante acolhedores. No tocante às disciplinas que estava cursando nesse período, as duas professoras mulheres compreenderam que eu estava no puerpério e conversamos sobre uma maneira para adaptar o finalzinho do semestre. Porém, a disciplina ministrada por um professor, eu acabei suprimindo e não conseguindo finalizar. Eu encaminhei emails, informando a minha situação no início do semestre e que no final eu não conseguiria responder três fóruns pois estaria no pós-parto, a resposta que recebi foi uma notificação no solar, no qual todos os alunos têm acesso, que "a proposta da disciplina não iria sofrer nenhum tipo de alteração". Aos discentes, que não se adaptarem, restou apenas o "se vire" ou realize a supressão da disciplina. Infelizmente, eu não estava em condições de me virar e suprimir a disciplina, essa notificação é aquele tipo de acontecimento que eu nunca vou esquecer. Quando li, percebi que era a resposta ao meu pedido de adaptação. Me recorde de

chorar muito e me sentir culpada de estar em um lugar que todos os meus instintos diziam que eu não pertencia.

O sentimento de pertencimento se torna mais forte onde tem acolhimento verdadeiro. Para mim, o fardo se tornou mais leve com o acolhimento de meus colegas, que ajudaram com o bebê, o pegando no colo, se revezando para ajudar a ir comer no restaurante universitário, que até então tentava barrar a entrada de mães com crianças. Um dia, um funcionário do RU tentou barrar minha entrada com o bebê, e eu quase implorei pra entrar pois não tinha onde deixar ele. Depois disso, eu e uma amiga tivemos que procurar a administração do RU para pedir a liberação de minha entrada toda vez que eu levasse ele. Nas aulas, eu percebia que algumas pessoas, inclusive professoras, olhavam torto quando eu levava o bebê pra aula, criticando inclusive o fato de eu colocar o bebê no chão. Foram poucos os professores que davam apoio sincero, mas no semestre seguinte, fiquei muito feliz em ver uma colega de sala na mesma situação que eu, sendo acolhida por colegas e professores. Um destes profissionais incríveis doou uma cadeirinha de bebê e tapete de E.V.A pra ela levar pra Faced e deixar o bebê confortável durante as aulas.

Depois de tudo o que já foi dito até aqui, podemos reforçar que a contribuição mais significativa às mães universitárias no decorrer de seu curso, é o apoio institucional e docente, juntamente com estratégias para conciliar o tempo das alunas entre maternar e estudar. Ainda há muito o que avançar nesses aspectos, mas já é um grande avanço saber que temos profissionais com que possamos contar em meio a nosso processo de formação.

4.2.3 Filhos, nosso combustível para não desistir

Uma das perguntas da entrevista era sobre se em algum momento as discentes pensaram em desistir do curso e o motivo de terem perseverado. A grande maioria respondeu que a principal motivação para não desistir é justamente o motivo pelo qual quase desistiram: seus filhos.

Pude observar nas respostas das entrevistadas, a revelação do paradoxo que é vivenciar a maternidade: Pois muitas pensam em desistir de tudo por causa das dificuldades que a maternidade carrega ao mesmo tempo que buscam em seus filhos a força para não desistir. Pois muitas mulheres, como bem disseram Tanya, Lina e Bruna em seus relatos buscam se motivar a continuar pelo pensamento de dar um futuro melhor a seus filhos:

“Sim e até quando voltou presencial pensei em desistir mais uma vez, pois do meu primeiro filho eu abandonei a faculdade de matemática bacharelado de 5 anos na UFC. Mas agora na pedagogia, meu esposo, professores e amigos de sala me ajudaram a persistir” (BRUNA, 5º semestre).

“Já venho de duas desistências de graduação e, meu filho fez o papel principal de não deixar eu desistir. Agora que estou em estágio avançado no curso, estou traçando métodos de continuar trabalhando e cursando os estágios” (TANYA, 7º semestre).

Eu pensei em desistir. Principalmente quando eu ficava acordada de madrugada para amamentar e ficava extremamente cansada porque eu tinha aulas de manhã e aulas à noite e tinha coisas que como amamentar dependia exclusivamente de mim. Então às vezes eu pensava em desistir, jogar tudo pro alto e cuidar só da minha filha, mas sempre tinha alguém me motivando, professores, amigos, rede de apoio. Eu não desisti porque eu pensava: isso é pela minha filha, eu tenho que fazer por ela. Tenho que terminar e conseguir um bom emprego por ela. (LINA, 8º semestre)

Estes três relatos escolhidos demonstram o papel que os filhos tiveram na persistência das alunas, visto que duas delas já haviam desistido de cursos anteriores e que, atualmente, traçam planos para continuar estudando. O desejo de ter uma formação para poder entrar no mercado de trabalho e, posteriormente, oferecer uma vida mais confortável a seus filhos foi falado durante as entrevistas quase unanimemente. No meu caso, quando entrei no curso de pedagogia já era mãe de um menino, trabalhava fora para ajudar nas despesas da casa, mas sempre tive em mente que queria esta graduação não só pela construção de uma carreira, como para dar exemplo ao meu filho, mostrando, através de minha própria experiência, a importância dos estudos na formação de um cidadão.

Todavia, quando engravidei do segundo filho em meio à graduação, quase entrei em desespero, pensei em desistir, em voltar a trabalhar em fábricas ou serviços domésticos, pensei até ser uma perda de tempo estar estudando enquanto meu filho ainda não tinha o básico para vir ao mundo. Não sei se posso chamar de sorte, azar ou ironia do destino, mas engravidei no segundo ano de pandemia do Covid19. Tal cenário me amedrontava ainda mais em relação à gestação, por medo do contágio e pela falta de recursos financeiros. O fato é que mesmo com tantas adversidades, eu vi na minha gravidez, no filho que estava por vir, a motivação para continuar a graduação. Bem, o período de gravidez impactou positivamente meus estudos pois como ainda estávamos em ensino remoto, resolvi acelerar o máximo de disciplinas que consegui. Cursei 10 disciplinas em um semestre. Para adiantar as disciplinas optativas, visando não me atrasar no retorno presencial quando o bebê nascesse. Como eu disse anteriormente,

tive uma gravidez não planejada e tive muitas crises de ansiedade. Estudar fazia com que eu ocupasse minha mente, amenizando o sofrimento. Já no puerpério, nos primeiros meses do bebê, a UFC ainda estava no ensino remoto. Então optei por não pedir regime especial e me matriculei normalmente. Algo que me fazia muito feliz era ligar a câmera para apresentar seminários com meu filho no colo, o amamentando. Os elogios que eu recebia dos colegas e professores me impulsionaram a dar o melhor de mim durante o curso, e a maior motivação vinha do meu filho.

Lembro que o retorno às aulas foi na mesma semana que eu tive o bebê e que eu cheguei a assistir uma aula online lá na maternidade, um dia depois do parto. Pois eu não queria parar a graduação por nada. A propósito neste semestre com o bebê bem pequeno cursei 7 disciplinas, concluindo a grade de optativas. Além de ter participado do projeto AUI (Acompanhe um ingressante) como voluntária e em dezembro do mesmo ano, fui selecionada para a bolsa remunerada do PET PEDAGOGIA UFC. E foi a partir da experiência como petiana que me senti pertencente à Universidade. Sei hoje que aquele é o meu lugar e, se precisar, dos meus filhos também.

O que todas as participantes da pesquisa, inclusive eu, têm em comum é justamente ter em nossos filhos o combustível de nossa perseverança. A força motriz que impulsiona a busca pelos nossos sonhos, a construção das profissionais fortes que seremos, sem deixar de sermos humanas e empáticas. Filhos, o nosso combustível para não desistir!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi trazer relatos das vivências acadêmicas das mães universitárias do curso de pedagogia da UFC, de modo a investigar os principais desafios e estratégias utilizadas pelas discentes para conciliar a vida acadêmica com o ato de maternar. Especificamente, as principais propostas da pesquisa foram compreender as dificuldades encontradas pelas acadêmicas no período gestacional e puerperal; analisar o âmbito histórico-social em que estão inseridas e as estratégias utilizadas; e refletir sobre possíveis soluções para tal questão.

No período pós-pandemia houve um aumento do número de mães universitárias na Faced, alguns bebês nasceram ainda em meio às aulas remotas, estando ainda bem pequenos no momento do retorno presencial das aulas. Quando ingressei na Pedagogia, eu já era mãe de um menino que tinha 7 anos de idade. Na época eu nem cogitava ser mãe novamente, pois estava muito empolgada com o curso e nesta nova jornada não caberia um bebê, assim eu pensava. O primeiro contato que tive com o tema da maternidade e graduação, foi no terceiro semestre do curso com a disciplina de pesquisa educacional. Neste momento eu tinha descoberto recentemente a gravidez e nosso grupo de pesquisa decidiu estudar sobre mães universitárias no período pandêmico. E foi a partir deste contato com algumas mães da Faced para os fins desta pesquisa que reconheci a mim mesma como uma mãe universitária, começando ali a traçar estratégias (aprendendo com as mães que conheci) de como eu iria conseguir conciliar o curso com as demais áreas da minha vida, principalmente a maternidade.

De certa forma, este tema me atravessou de uma maneira única e inexplicável, pois além de pesquisar sobre os sujeitos deste processo, eu também fui e sou parte desta pesquisa. Portanto, trazer as narrativas de outras alunas mães do curso de pedagogia, juntamente com meus relatos pessoais ajudam a compreender as dificuldades vividas por nós nesta jornada, enquanto mães, esposas ou solo, trabalhadoras e/ ou estudantes.

Não há como falar de maternidade e não falar sobre a importância do feminismo, e entender sobre as regras e tabus ditados por uma sociedade historicamente fundamentada no patriarcado. Esta configuração social dos papéis femininos e masculinos se estabelece desde os primórdios da humanidade, passando pela divisão dos trabalhos quando ainda na pré-história os homens saíam para caçar, enquanto as mulheres faziam atividades que exigiam menos força como pesca e coleta, preparo de alimentos. Ao longo dos anos, o patriarcado foi se fortalecendo

permeando os mais diversos grupos sociais. Com isso, a redução do papel da mulher a meras donas de casa, esposas e mães foi se perpetuando ao longo dos séculos, podendo-as de exercer outras funções sociais e perseguindo e estigmatizando aquelas que ousavam fugir do destino a que estavam fadadas a cumprir.

Nos dias atuais, as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço, construindo suas carreiras profissionais. É nesse cenário que cada vez mais mulheres ingressam nos cursos de graduação, buscando formação profissional. Especialmente nos cursos de licenciaturas, há um número maior de estudantes mulheres, principalmente na pedagogia. O que talvez ainda não tenha sido pensado é que em meio ao período de graduação possa surgir uma gestação, visto que a maioria das instituições ainda estão em despreparo para lidar com estes casos.

No desenvolvimento desta pesquisa, muitas reflexões foram surgindo, a partir das leituras que embasaram o estudo, mas acima de tudo através das histórias de vida das mães entrevistadas. Ademais, o fato de eu estar inserida neste processo e poder trocar experiências com as demais, foi algo enriquecedor e emocionante. É certo que não só as instituições de ensino como a sociedade em geral não estão prontas para nos receber. Já houveram alguns avanços, mas ainda há muito a ser conquistado. É necessário lutarmos para que sejamos tratadas com equidade em relação aos demais discentes.

Muito se fala atualmente em empoderamento feminino, mas a sociedade precisa se abrir para o empoderamento materno, pois há de se tornar cada vez mais comum que este grupo de mulheres ocupem cada vez mais espaços que antes eram vetados para nós. E não é apenas sobre estruturas físicas ou construção de carreiras, o empoderamento materno precisa se enraizar de forma a criar consciência de seu papel social. Tal consciência deve iniciar por nós mesmas. Devemos nos conscientizar da força que nós temos, de nossa capacidade, não de forma romantizada, pois não somos heroínas ou guerreiras e é justamente este tipo de discurso que devemos tentar reverter dentro da sociedade, sendo pois que realmente somos mulheres sobrecarregadas necessitando de apoio em nossa jornada. É necessário ressignificar a maternidade, abandonando o pensamento retrógrado que a define como principal papel feminino. Nem toda mulher deseja ser mãe, mas toda mãe deseja ser vista como mulher, que necessita de um tempo só seu, que não tenha que abrir mão de seus sonhos para cuidar exclusivamente dos filhos, que se sinta acolhida e cuidada por si mesmas e não só pelo fato das pessoas se preocuparem com seus filhos. Precisamos que normalizem não só o fato de termos que carregar nossos filhos conosco, mas que nos compreendam também nos momentos que

precisamos de um tempo para andar sem eles, sem julgamentos. É importante que tenhamos ajuda, uma rede de apoio que não se limite apenas ao apoio físico, durante a gestação e/ou puerpério, mas que este amparo seja também emocional, carregado de compreensão e empatia, sem julgamentos ou palpites que firam a autonomia e soberania materna. É imprescindível que esse apoio seja baseado em uma relação de respeito à figura materna, não tentando impor opiniões sobre a forma de criação da criança.

Outro ponto a ser refletido a partir desta pesquisa é o cuidado com a saúde mental materna, principalmente no puerpério, com o risco de depressão pós-parto. As mudanças hormonais e corporais, junto à privação de sono, desconforto físico e os cuidados com o bebê junto ao acúmulo de atividades do lar, aliado à demanda de atividades da faculdade podem se tornar gatilhos emocionais e culminar em crises de sofrimento psíquico. É de suma importância a busca por ajuda profissional para lidar com as pressões psicológicas advindas da adaptação à nova rotina. O cuidado psicológico e o apoio familiar formam um combo extremamente necessário à saúde da mãe universitária, buscando a compreensão de que não podemos dar conta de tudo sozinhas e que é natural e válido pedir ajuda sem nos sentirmos culpadas por isso.

Ainda falando sobre o que deve ser refletido acerca das contribuições às mães universitárias, retorno a falar da importância do apoio docente e institucional. O tema da maternidade dentro do curso de pedagogia da UFC, é raramente levantado, apesar de ser bem presente na prática, visto que o curso tem em sua maioria mulheres, e muitas já eram mães ou se tornaram depois que iniciaram a graduação. Através deste estudo almejo alertar a comunidade acadêmica para a necessidade de um debate acerca da maternidade e graduação, visto que para conseguirmos equidade em relação aos demais discentes, necessitamos do apoio dos professores e dos demais membros da instituição. A busca através desse debate é de um olhar mais cuidadoso e menos excludente em relação a nós. É a busca por docentes preparados para nos receber e se possível fazer as devidas adaptações para que consigamos concluir as atividades propostas pelas disciplinas. É também um pedido de apoio para nossas lutas políticas, visto que é um tema pouco ou quase nunca falado dentro do movimento estudantil, onde seria para nós de grande relevância termos o suporte nas reivindicações por políticas educacionais que favoreçam nossa permanência, como por exemplo, aumento de valores e de vagas do auxílio-creche e de projetos que ampliem o apoio institucional para nosso grupo.

Por fim, ressalto às mães universitárias, que o caminho é estreito, a luta é árdua e muitas vezes o reconhecimento é algo inexistente. Entretanto, é necessário se encher de

empoderamento materno, olhar para nossa prole e seguir em frente na construção de um futuro melhor feito pelas nossas mãos em prol de nossos filhos. É importante que haja entre todas nós, apoio mútuo como um pacto que nos torne mais fortes e resilientes para derrubar as bases do patriarcado. Que possamos agir firmes e conscientes da nossa força e também das nossas fraquezas, normalizando que mesmo que a culpa perpassasse nossas trajetórias, que não desistamos facilmente. Que nossos filhos sejam o combustível da nossa coragem, a força para perseguir nossos ideais, e que no fim a sociedade reconheça que maternar combina bastante com o ato de se formar. Viva o matriarcado! Viva as mães universitárias!

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975**. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/16202.htm#:~:text=LEI%20No%206.202%2C%20DE,1969%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias>. acesso em: 15 de novembro de 2022.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres Educadas na Colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.)-**500 anos de Educação no Brasil-2.ed**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000, p. 79-94.

SANTANA, Elizabeth de Jesus. **A questão histórica da mulher na escola e na sociedade**. Disponível em<<https://www.web.artigos.com/artigos/a-questao-historica-da-mulher-na-escola-e-na-sociedade/85301>>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

SCAVONE, L. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais**. Cad. Pagu, Campinas, n. 16; 2001. 137-150.

TOURINHO, Julia. **A mãe perfeita: idealização e realidade**. IGT na Rede, Brasília, v.3,n.5, p 1-33,ago.2006. Disponível em:<http://www.igt.psc.br/revistas/seen/ojs/view_article.php?Id=24>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, Fernanda. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões**. Tempo psicanalítico, Rio de Janeiro, v. 45. n.1. p. 111-121, jun.2013. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v45n1/v45n1a08.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS SUJEITOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

- 1 - Qual semestre você estava cursando quando engravidou? A gravidez foi planejada? Fale um pouco sobre sua experiência.
- 2 - Você tem uma rede de apoio? Em quê consiste essa ajuda?
- 3 – De que forma a gravidez e o puerpério impactaram a sua graduação? Conte as principais dificuldades que você enfrentou ou esteja enfrentando.
- 4 – Você em algum momento pensou em desistir da graduação? Como superou este pensamento? Houve ajuda de alguém?
- 5 – Alguma vez você precisou levar seu filho para a Faced no horário de aula? Como foi a experiência?
- 6 – Quanto ao apoio docente e institucional, como tem sido suas vivências quanto a isso?

**APÊNDICE B – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO UTILIZADO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezada Senhora,

Você está sendo solicitada a participar de uma pesquisa científica. A pesquisadora lhe apresenta um documento de esclarecimento e de livre consentimento que informa a você sobre o estudo, afirmando que sua participação é voluntária e explicando os riscos e benefícios de sua participação. Nesse processo, apresenta a condição necessária para, de forma esclarecida, você poder tomar a decisão de participar ou não. Você deve se sentir absolutamente livre para fazer qualquer pergunta à pesquisadora e/ou esclarecer qualquer dúvida que você tenha.

Título do estudo:

Pedagogia da maternagem: narrativas das mães universitárias do curso de pedagogia da UFC no período de gestação e puerpério.

Pesquisador(es):

Antonia Edimila Duarte de Moraes

Contato:

millamoraes6@gmail.com / (85)992388627

Departamento e Instituição: Departamento de Fundamentos da Educação / UFC

1. OBJETIVO DA PESQUISA: Você está sendo solicitada a participar em uma pesquisa que pretende analisar através dos relatos de experiência, os desafios e estratégias utilizadas para conciliar maternidade e graduação. Como a pesquisadora sabe das muitas tarefas cotidianas que você deve cumprir para a sua formação acadêmica, sua participação não tirará de você nenhum tempo adicional que o atrapalhe em seus compromissos.

2. O QUE VOCÊ VAI FAZER: A pesquisadora está pedindo sua permissão para estudar através de seus relatos de experiência, os principais desafios e estratégias utilizadas para conciliar maternidade e graduação. Se você consentir, a pesquisadora está solicitando que você participe de uma entrevista, com gravação de áudio de, no máximo, 40 minutos de seu tempo livre. Se você concordar em conceder essa entrevista, esta não tomará de você mais do que 40 minutos, prezando a sua disponibilidade de tempo.

3. POTENCIAIS BENEFÍCIOS: Você possivelmente não se beneficiará de modo particular ao participar deste estudo. No entanto, a pesquisa pode fortalecer indiretamente os debates sobre conciliação da vida acadêmica com a maternidade, podendo ampliar a visão da comunidade acadêmica sobre este tema, a fim de buscar os direitos de tal grupo. Estudantes universitárias que são mães podem se beneficiar dos resultados da pesquisa, ao analisarmos quão importante

a presente experiência tem sido para você, principalmente em relação a como a comunidade acadêmica exerce influência para sua trajetória como mãe universitária. Nenhuma compensação financeira, crédito ou nota de disciplina (no caso de estudantes), nem qualquer outra forma de compensação será oferecida por sua participação neste estudo.

4. POTENCIAIS RISCOS: Como os dados obtidos para este estudo não consistem de nenhum material que você tenha produzido, não vislumbramos nenhum risco envolvido no sentido de ser identificada a sua identidade. O principal risco que você poderia enfrentar seria a revelação de dados pessoais, mas, você tem o direito de não revelar e/ou de não permitir que nenhuma informação desta natureza seja publicada. Além disso, os riscos devem ser minimizados pela pesquisadora por meio de um pacto de privacidade e confidencialidade (ver item 5 abaixo).

5. PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE: Se você concordar em participar do estudo, a pesquisadora irá explorar as experiências que você construiu a partir de sua participação através da entrevista, tomando por base suas explicações e descrições sobre sua experiência com a conciliação entre os estudos e a maternidade. Os dados que você oferecer poderão ser incluídos em apresentações orais e conferências de congressos científicos, assim como em publicações de artigos avaliados pelos comitês editoriais de revistas científicas, tanto impressas como *online*. Se assim você concordar, todos os dados identificáveis em suas descrições serão substituídos pelo uso de pseudônimos e/ou códigos. Todos os dados sobre você serão guardados e mantidos em confidencialidade o máximo que for exigido por lei.

6. SEUS DIREITOS: VOCÊ PODE PARTICIPAR, DIZER “NÃO” OU DESISTIR (RETIRAR A AUTORIZAÇÃO): A sua participação nesta pesquisa é completamente voluntária. Você tem o direito de dizer NÃO. Saiba que sua recusa em participar não lhe trará nenhuma penalidade ou perda de benefícios que você, de outro modo, tenha por adquirido.

7. DÚVIDAS, PREOCUPAÇÕES OU PERGUNTAS: Se você tiver alguma dúvida, preocupação ou pergunta sobre esta pesquisa, tais como questões científicas, como participar ou como relatar prejuízos decorrentes de sua participação, por favor, contate pessoalmente a pesquisadora Antonia Edimila Duarte de Moraes . Você pode contatá-la tanto pelo e-mail (millamora6@gmail.com) como pelo número de telefone celular (85992388627), e ainda via Departamento de Fundamentos da Educação da UFC, falando com o prof. Dr. Gerardo Vasconcelos , por meio do e-mail: (gerardovasconcelos@ufc.br) Se você tiver qualquer dúvida sobre seus direitos e participação como sujeito da pesquisa, por favor, contate o **Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos** da UFC (CEP/HUWC), pelos números (85) 3366-8589 e/ou 3366-8612, ou pelo e-mail <cephuwc@huwc.ufc.br>; ou ainda: escreva para Universidade Federal do Ceará, Comitê de Ética em Pesquisas que Envolvem Seres Humanos (CEP/HUWC) - Rua Capitão Francisco Pedro, n. 1290 – Bairro Rodolfo Teófilo – Fortaleza – CE. CEP: 60.430-370.

8. ACEITE PARA PARTICIPAR OU NÃO: Sua assinatura abaixo indica que você aceita voluntariamente participar (ou não) deste estudo.

EU CONCORDO (ACEITO) PARTICIPAR DESTA PESQUISA:

Assinatura

Nome Legível

EU NÃO CONCORDO (NÃO ACEITO) PARTICIPAR DESTE ESTUDO:

Assinatura

Nome Legível